

SENHORA: O DISCURSO BURGUEÊS E O HOMEM IDEAL

Greiciellen Rodrigues Moreira¹
Cláudia de Jesus Maia²

Resumo: Este estudo objetiva evidenciar o discurso burguês apregoado em *Senhora*, por meio das representações masculinas presentes na narrativa. A medicina, a filosofia e a literatura do século XIX engajam-se em divulgar o modo de vida burguês na sociedade fluminense. Em *Senhora*, os ideais burgueses são difundidos a partir das representações de gênero. O homem de bem é trabalhador, honesto e poupador, entretanto, Fernando Seixas, no início do romance, não se enquadra nesse perfil de homem ideal. Desse modo, é necessário que ele passe por um processo de aburguesamento agenciado pelo seu casamento com Aurélia Camargo.

Palavras-chave: *Senhora*. José de Alencar. Burguesia. Representações de Gênero.

Introdução

Em “Escritoras, Escritas, Escrituras”, Norma Telles (1997) ressalta o papel fundamental que os produtos culturais, especialmente o romance, desempenham na cristalização da sociedade moderna. Segundo a autora, escrita e saber “estiveram, em geral, ligados ao poder e funcionaram como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos esperados em determinadas situações” (TELLES, 1997, p. 401-402).

Telles (1997) assinala que o romance substitui a tradição das formas de ficção anteriores, que possuíam um direcionamento coletivo. A orientação do romance é original e individualista, ou seja, cada romance se debruça sobre uma entidade individualizada, particularizada para cada momento histórico: “É o romance que difunde a prosa da vida doméstica cotidiana, tendo como tema central o que os estudiosos contemporâneos denominam ‘o romance da família’, contribuindo assim para a construção da hegemonia do ideário burguês” (TELLES, 1997, p. 402).

Desse modo, o romance romântico insere-se no discurso dominante oitocentista, atuando como difusor de princípios burgueses. Contudo, não há no Brasil uma burguesia

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários – PPGL – da Universidade Estadual de Montes Claros, com a dissertação “Representações femininas e identidade nacional: uma leitura alegórica de *Lucíola* e *Senhora*, de José de Alencar”. Apoio: CAPES. E-mail: greiciellen@yahoo.com.br.

²Doutora em História pela Universidade de Brasília (2007) com período sanduíche na École des Hautes Études em Sciences Sociales (2006). Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros; docente permanente do Programa de Pós-graduação em História e do Programa de Mestrado em Letras/Estudos Literários da Unimontes; líder do grupo de pesquisa Gênero e Violência (CNPq). E-mail: cmaia@uaigiga.com.br.

plenamente consolidada em fins do século XIX; por isso, ao invés de simplesmente “descrever” modos de socialização, este estudo trabalha com a ideia de que os romances urbanos de José de Alencar oferecem ao leitor “representações sociais” burguesas da sociedade fluminense.

As representações sociais são “concomitantemente produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade” (JODELET, 2001, p. 22). Elas comportam uma parte de reconstrução, de expressão do sujeito e de interpretação do objeto ao qual o sujeito se reporta; ademais, elas recebem um papel criador no processo de elaboração da conduta. Portanto, compreender as representações sociais é fundamental para que se entenda o engendramento burguês nos romances de Alencar, tendo em vista que, como afirma Teresa de Lauretis, gênero é representação:

Gênero é a representação de uma relação, [...] o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer; assim, o gênero atribui a uma entidade, digamos a uma pessoa, certa posição dentro de uma classe, e portanto uma posição *vis-à-vis* outras classes pré-constituídas (LAURETIS, 1994, p. 209).

Em suma, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação social, ou seja, representa um indivíduo por meio de uma classe. Desse modo, gênero não é sexo, uma condição natural, mas a representação do sujeito em termos de uma relação social preexistente ao próprio sujeito e predicada sobre a oposição “conceitual”, rígida e estrutural dos dois sexos biológicos. Esta estrutura conceitual é o que, de acordo com Lauretis (1994), cientistas sociais feministas denominam “o sistema de sexo-gênero”: “um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade” (LAURETIS, 1994, p. 212).

Neste momento, então, discutir-se-á o engendramento burguês masculino em *Senhora*, de José de Alencar. De acordo com Régine Pernoud (1973), com o advento da burguesia forma-se um tipo de ideal moral, o do “homem de bem”, cujo princípio vital é a moderação, que impede o excesso das paixões, seja para o bem, seja para o mal. Ele está presente, principalmente, entre os grandes negociantes, altos magistrados, juristas ou funcionários. Segundo a autora, esse tipo de homem ideal burguês pratica “o trabalho e a poupança, leva com a sua família uma vida ordenada, voluntariamente austera; evita as distrações, mesmo

legítimas, e principalmente as distrações desportivas, que abandona à nobreza e ao povo” (PERNOUD, 1973, p. 110).

Sua conduta é sempre exata e comedida, o que o faz alcançar uma felicidade honesta, desconhecida tanto dos grandes quanto dos pobres. Essa felicidade, no entanto, não exclui as incongruências da fortuna, mas as reduz e afasta o mais possível. O que se destaca nesse homem de bem é sua capacidade de previdência, ele elimina da vida o desconhecido e deixa pouco lugar ao mistério: “O nobre gasta e dá esmolas, mas talvez por prodigalidade, por gosto do fausto, do que por verdadeira caridade; o burguês, esse, acumula” (PERNOUD, 1973, p. 110).

Ressalta-se, entretanto, que a “verdadeira caridade” não é excluída de toda burguesia, ela apenas torna-se exclusividade das mulheres. Como Rousseau (2004) assinala em *Emílio, ou, Da educação*, é de bom tom que as senhoras burguesas aproveitem seu ócio para desenvolver ações filantrópicas. Enfim, a burguesia estabeleceu características distintivas, por vezes antagônicas, para homens e mulheres de bem. Em *Senhora*, o ideal burguês é exaltado por meio das representações de gênero. A protagonista Aurélia percorre um caminho transgressor, porém a principal transgressão cometida por ela ao comprar seu marido torna-se uma parte fundamental do processo de aburguesamento de Fernando Seixas. Portanto, este estudo enfoca-se nas representações masculinas, e objetiva evidenciar o discurso burguês apregoadado no processo de transformação de Fernando no homem ideal.

O aburguesamento de Fernando Seixas

Eric J. Hobsbawm (1996) postula que para um homem pertencer à burguesia, ele precisa ser “alguém”, ou seja, uma pessoa que conte como indivíduo, por causa de sua riqueza, capacidade de comandar outros homens, ou de influenciá-los. Além disso, uma vez que o sucesso é devido ao mérito pessoal, o fracasso está claramente ligado à falta de mérito. A ética tradicional burguesa determina, assim, que o fracasso é devido mais à fraqueza moral ou espiritual do que à falta de inteligência, “pois era evidente que o cérebro era uma necessidade indispensável para o sucesso nos negócios, mas que apenas ele não garantia riqueza ou opiniões sensatas” (HOBBSAWN, 1996, p. 342).

Fernando Seixas é um personagem que cresceu nesse ambiente em que é necessário contar como indivíduo na sociedade. Apesar de não possuir riqueza ou habilidade de

comandar outros homens, Seixas é um sujeito de fina educação e inteligência, alguém que procura destacar-se como indivíduo, assemelhando-se à elite por meio de sua aparência externa. Isso gera, no entanto, uma contradição entre sua vida privada e sua vida mundana. Fernando reside em uma pobre habitação à Rua do Hospício. A fim de ressaltar a pobreza do ambiente, descreve-se na narrativa que a mobília da casa é velha e perdera todo o verniz, o papel de parede desbotara e, em alguns pontos, há claros sinais de remendos (ALENCAR, 2009, p. 38). Contudo, o aspecto mais singular dessa casa é o contraste apresentado em um dos aposentos entre os móveis velhos e alguns objetos finos de uso do morador.

Observa-se neste quarto uma completa divergência entre a vida exterior e a vida doméstica da pessoa que o ocupa, Fernando Seixas. Se o edifício e os móveis denotam escassez de meios, ou até extrema pobreza, as roupas e objetos pessoais anunciam “um trato de sociedade”, que só possuem os cavalheiros mais abastados da corte. De acordo com Gilda de Mello e Souza (2005, p. 113-114), a posse da riqueza é a grande modificadora da estrutura social no século XIX. Todavia, apenas a posse do dinheiro não é um elemento tão efetivo de ascensão social, pois o que distingue as classes entre si não é somente a riqueza, mas sua utilização. Desse modo, “o homem não vale pelo que tem mas pela consideração que goza. Ora, nesta ‘consideração’ a riqueza é apenas um dos elementos, a família, a situação social e, mesmo, a participação na vida mundana sendo outros tantos, não menos importantes” (SOUZA, 2005, p. 115).

Em fins do século XIX, a vida mundana, até a que se realiza nos salões aristocráticos, está relativamente aberta. À volta do núcleo central da elite, acrescenta Souza (2004, p. 115), encontra-se um grupo bastante vasto de pessoas, que procuram pautar sua vida pelo ritmo da elite, na tentativa de assimilar-se a ela pela identidade comportamental. Observa-se nesta descrição, o tipo de poder exercido pela burguesia, como citado por Hobsbawm (2006), poder de exercer hegemonia. Aqueles que almejam pertencer à elite necessitam assemelhar-se a ela pelo modo de trajar-se e comportar-se em sociedade, pela capacidade de desfrutar dos bens de consumo por ela valorizados, pelo lugar onde habitam, pelos amigos com quem convivem, pelos espaços que frequentam.

Souza (2004, p. 116) alega que graças à flexibilização das barreiras, a cada passo a nova sociedade oferece oportunidades aos arrivistas em pleno movimento ascensional, “nos constantes contatos diários, nos passeios públicos e nos teatros”, nos bailes do Cassino e nas reuniões em casas de pessoas ilustres. Por esse motivo, a participação ativa na vida em

sociedade é tão importante para quem deseja ascender socialmente. Entretanto, ainda que as barreiras estejam mais atenuadas, ainda exige-se do indivíduo que deseja orbitar em torno da elite acentuar as diferenças em relação à mediania da população, pelo requinte de maneiras e por meio dos elementos passíveis de observação direta, como a vestimenta.

A partir disso, nota-se, por meio dos bens de consumo desfrutados por Seixas, que ele é um desses homens que orbitam em torno da elite em busca de sua chance de ascensão. Seu traje de baile é de fazenda superior e corte elegante, como só um dos modistas mais famosos do Rio de Janeiro de então é capaz de produzir, o Raunier; seu chapéu foi feito pelo melhor fabricante de Paris; as luvas são de Jouvin; as botinas são do Campas, como ele só faz para os fregueses prediletos; os charutos são de Havana; o toucador está repleto de utensílios caros e finas essências francesas e inglesas; sua variedade de guarda-chuvas e bengalas valem mais que o custo de toda a mobília da casa (ALENCAR, 2009, p. 38).

Seixas conhece o jogo de representações da sociedade, e, como moço inteligente, não deixa transparecer em suas relações sociais a pobreza de sua família, em grande parte gerada pelos gastos excessivos com sua ornamentação pessoal. Naquele final de século, o mais importante não é “ser”, ou mesmo “ter”, mas “parecer”. Os chapéus, as bengalas, os charutos e as joias são insígnias de poder, formas sutis de afirmação social e prestígio (SOUZA, 2004, p. 75), sem os quais Seixas não sabe viver.

A família Seixas sustenta-se com os rendimentos da Caixa Econômica, o aluguel de dois escravos e os ganhos dos trabalhos de costura de Dona Camila e suas filhas. Fernando, funcionário público e colaborador em um jornal como tradutor e noticiarista, em nada contribui para o sustento da mãe e das irmãs. É bem verdade que o jovem desejou colaborar com seu ordenado na renda mensal, mas as mulheres Seixas recusaram-se a aceitar: “Sentiam elas ao contrário não poder reservar alguma quantia para acrescentar aos mesquinhos vencimentos, que mal chegavam para o vestuário e outras despesas do rapaz”. (ALENCAR, 2009, p. 45).

Na ausência do pai, Fernando, único filho varão, deveria ser o amparo da família, assumindo as responsabilidades que cabiam àquele, independentemente do consentimento das mulheres da família. Seus ordenados certamente seriam suficientes para fazê-lo, porém teria de abrir mão do luxo. Um simples funcionário público não poderia sustentar um grupo de quatro pessoas e ainda vestir-se e adornar-se com o que de melhor a Rua do Ouvidor tem a

oferecer. A atitude correta do homem de bem deveria ser: poupar, viver para o trabalho e para a família.

Entretanto, assim como Paulo, em *Lucíola*, Fernando recusa-se a assumir seu papel de homem sério, deixando-se mimar pela mãe e pelas irmãs: “Enquanto Fernandinho alardeava nas salas e espetáculos, elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeeiro, que iluminava a tarefa noturna” (ALENCAR, 2009, p. 45). Todavia, se Paulo deseja desfrutar da última chama de sua juventude, Fernando entende que o luxo e a opulência em que vive são fundamentais para o destino da família, pois a fim de alcançar uma vida faustosa no futuro, na qual possa sustentar dignamente mãe e irmãs, é preciso que represente na sociedade, enquanto ainda é jovem, o papel de homem elegante e de fina educação.

Desse modo, Fernando afaz-se à dupla existência sem qualquer remorso. Enquanto no convívio com a família partilha a pobreza herdada, na sociedade representa o papel de moço rico. Quando, finalmente, sua situação financeira melhora, decide passar a ajudar nos gastos domésticos, entretanto, consigo unicamente continua a gastar mais do triplo da subsistência de toda a família. Sendo assim, enquanto as mulheres Seixas são fortes, trabalhadoras e abnegadas, Fernando é fraco, egoísta e não leva o trabalho sério. Um importante acontecimento, entretanto, logo operará profunda transformação em seu caráter.

Fernando possui duas irmãs, Mariquinhas, a mais velha, vê os anos da mocidade escoarem-se com serena resignação, o preocupa sua mãe. Nicota, mais jovem e mais bela, ainda na flor da idade, já se aproxima dos vinte anos sem pretendente à vista. Pobre e sem proteções, Dona Camila preocupa-se que essa filha, como a outra, também “estaria condenada à mesquinha sorte do aleijão social, que se chama celibato” (ALENCAR, 2009, p. 46).

De acordo com Cláudia de Jesus Maia (2011, p. 63), a “emergência do celibato feminino, como foco de uma problemática social e da imagem estigmatizada da solteirona no Brasil, está profundamente ligada ao projeto de modernidade burguesa”. Nesse contexto, a família, braço fundamental do Estado, torna-se alvo de investimentos políticos e de diversos saberes científicos, pois ela possibilita o “controle e a disciplina na vida cotidiana dos novos cidadãos e, sobretudo, a constituição de modelos idealizados de homens e de mulheres marcados pelo gênero”(MAIA, 2011, p. 63). Apesar de, como postula Maia, essa preocupação ter crescido com a emergência do estado republicano, ou seja, pós-1889, já se percebe no período pós-independência, especialmente na segunda metade do século XIX, a predominância desse ideal burguês em diversos discursos.

Observa-se em *Senhora*, que Dona Camila demonstra grande temor que a filha Nicota tenha o mesmo destino da irmã mais velha, ou seja, condenar-se à “mesquinha sorte” do “aleijão social” que se chama “celibato”. Em *A invenção da solteirona*, Maia (2011, p. 75) assinala que o termo “solteirona”, “como representação de um tipo ridículo e desprezível de mulher que não se casou”, emerge em várias modalidades de discursos no Brasil a partir do final do século XIX. Anteriormente, era comum que se falasse em mulheres solitárias, solteiras, sós ou celibatárias (MAIA, 2011, p. 73), sem que esses vocábulos possuíssem necessariamente uma conotação pejorativa. Contudo, no romance de Alencar, a celibatária já é vista negativamente como um aleijão social, uma mulher que foi incapaz de cumprir o propósito de sua vida, burguesamente definido como o casamento e a maternidade sadia.

Todavia, para alegria de Dona Camila, e desgraça de Fernando Seixas, Nicota consegue um pretendente, necessitando, agora, do dinheiro para o enxoval, o qual a mãe solicita que o filho retire da Caixa Econômica. Fernando, no entanto, não dispõe mais desse dinheiro. Seu ordenado mensal, Seixas gastava com o hotel, o teatro, a galanteria, o jogo, as gorjetas, em tudo o que era necessário para representar o papel de homem ilustre da sociedade. Então, quando o fim do ano chegava, precisava recorrer ao dinheiro da Caixa Econômica para saldar a conta do alfaiate, do sapateiro, do perfumista e da cocheira.

Em *Emílio, ou, Da educação*, Rousseau (2004) argumenta que para se educar o homem de bem, não se pode ensinar-lhe a ter pena dos desafortunados e miseráveis, pois ele não deve considerá-los como estranhos. É preciso que o homem de bem compreenda que a sorte desses infelizes pode ser a sua, uma vez que diferentes imprevistos podem levá-lo a essa condição: “Ensina-lhe a não contar com o nascimento, nem com a saúde, nem com as riquezas; mostrai-lhe todas as vicissitudes da fortuna” (ROUSSEAU, 2004, p. 306).

Por essa razão o homem burguês deve ser um poupador, e, ainda que rico, não deve esbanjar sua fortuna de modo inconsequente. Ele não deve contar com um sobrenome importante ou a tradição da família, pois seu compromisso é com sua descendência e com o que ele deve construir para ela. Ademais, o homem de bem deve prestar grande atenção às normas da higiene, pois uma saúde robusta pode facilmente sucumbir perante as moléstias adquiridas em uma vida leviana. Seixas é um homem honesto e asseado, mas nada poupador, pois,

ao atrito da secretaria e ao calor das salas, sua honestidade havia tomado essa têmpera flexível da cera que se molda às fantasias da vaidade e aos reclamos da ambição.

Era incapaz de apropriar-se do alheio, ou de praticar um abuso de confiança; mas professava a moral fácil e cômoda, tão cultivada atualmente em nossa sociedade.

Segundo essa doutrina, tudo é permitido em matéria de amor; e o interesse próprio tem plena liberdade, desde que se transija com a lei e evite o escândalo (ALENCAR, 2009, p. 60).

Nesse ponto, vale retomar a citação inicial de Hobsbawn (2006, p. 342); se o mérito pessoal é a pedra fundamental do sucesso em uma sociedade de barreiras maleáveis, o fracasso com que Seixas se depara é fruto de sua falta de mérito. Ainda que seja descrito como inteligente e honesto, sua fraqueza moral somada a sua vaidade e ambições propiciaram que ele se encontrasse agora nessa difícil situação. As barreiras sociais podem ser flexíveis, mas a honestidade e a moral burguesa não são.

Esta é uma das contradições inerentes à burguesia. Para pertencer a ela, é preciso contar na sociedade como “indivíduo”; para contar na sociedade como indivíduo, é preciso representar um papel, assemelhando-se à burguesia pelos hábitos e bens de consumo desfrutados; para representar bem esse papel, é necessário dinheiro, se não tê-lo, ao menos fingir que o possui.

Em suma, os ideais burgueses apregoam os interesses individuais e as aparências, mas não toleram a desonestidade e a fraqueza de caráter. Como Fernando poderia, então, fingir ser alguém que não é, sem os recursos necessários para isso e sem essa honestidade maleável, como descrita na narrativa? Ressalta-se, contudo, que a redenção de Seixas se dará a partir desses mesmos ideais, incorporando os aspectos positivos e virtuosos da moral burguesa, porém ainda há um longo caminho até que isso aconteça.

O terrível contratempo com que Fernando vê-se embaraçado marca o fim de sua vida despreocupada. Ele não poderia, a partir daquele momento, continuar a viver uma vida dupla, aproveitando o conforto doméstico entre as mulheres pobres de sua família, que o veneram, ao mesmo tempo em que desfruta dos melhores prazeres da corte fluminense. Humilhar-se perante mãe e irmãs, que o tratavam como sultão, e reconhecer seus erros é para ele a degradação total.

É provável que com uma vida mais modesta e muita poupança, características fundamentais dentre os ideais burgueses, ele poderia retornar em dois anos ao estágio anterior

de abastança, porém Fernando é um covarde corrompido pelos prazeres da corte. A simples ideia de viver apenas para o trabalho e a família, longe dos salões e teatros, do convívio com pessoas ilustres, dos requintes da Rua do Ouvidor o aterroriza: “Sentia-se com ânimo para matar-se, mas para tal degradação reconhecia-se pusilânime” (ALENCAR, 2009, p. 63). Todavia, ao tentar evitar essa degradação por meio de um casamento de interesses, Fernando cai em uma armadilha ainda mais vil e humilhante.

Casando-se com a rica herdeira Aurélia Camargo, Seixas acreditava que a sorte havia lhe agraciado, entretanto, tudo não passara de um plano ardiloso da noiva, que denunciou a hipocrisia da união no mesmo dia em que ela se concretizara. Humilhado e vilipendiado, penetrado da “impossibilidade de retribuir o ultraje à senhora a quem havia amado, escutava imóvel, cogitando no que lhe cumpria fazer; se matá-la a ela, matar-se a si, ou matar a ambos”(ALENCAR, 2009, p. 82). Esse fatídico acontecimento, porém, ao invés de destruí-lo, dá-lhe novo ânimo para endireitar sua vida.

O casamento de conveniência é algo banal na sociedade oitocentista. Como Muriel Nazzari (2001, p. 187) alega, apesar de o matrimônio por si só já não definir os procedimentos de negócios entre parentes e afins, como ocorria no período colonial, o casamento por conveniência, ou interesse, ainda é “utilizado para melhorar as perspectivas dos negócios de um homem ou de uma família, pela ampliação da rede de relações, ou por dar a um homem acesso ao crédito”. Todavia, Aurélia transgredir a norma social com que se arranjam os casamentos no séc. XIX, ao negociar ela mesma, por meio da figura de um tutor manipulado, sua união com Seixas; pois ainda que “a mulher tivesse alguma influência, ou pelo menos poder de veto, sobre quem negociava e contratava seu casamento”, apenas as viúvas maiores de idade e sem pais “negociavam elas próprias seus casamentos” (NAZZARI, 2001, p. 260).

Além disso, no momento em que Aurélia converte o matrimônio em mercado, atribuindo ao marido o valor de mercadoria, Seixas passa a considerar-se impossível para essa mulher: “Não poderia amá-la nunca mais, e ainda menos aceitar seu amor” (ALENCAR, 2009, p. 207). Ele julga uma infâmia para si, envolver sua alma e seus sentimentos nessa transação torpe:

Seu corpo sim estava vendido; ele não o podia subtrair ao indigno mister, desde que havia recebido o salário. Mas a alma, nunca! Tivesse-o embora essa mulher na conta de um especulador sem escrúpulos, ele sentia que a honra não o abandonara; e que se outrora ia-se embotando, esse acidente lhe restituíra o vigor (ALENCAR, 2009, p. 207).

Retirando-se em seu quarto, Seixas observa os mimos de arte sobre a cômoda, mas ao invés de se encantar com a riqueza dos ornamentos, esses objetos “pareciam-lhe estranhos e despertavam nele ignotas emoções; tal era o abismo que o separava do recente passado” (ALENCAR, 2009, p.126). Nota-se, pois, a mudança no comportamento do jovem pouco após a discussão com Aurélia. Os primores do luxo sem os quais pensava não poder viver, nesse momento causam-lhe nojo e repulsão.

Rousseau (2004) alega que para formar-se um homem de bem, é preciso afastar os jovens das grandes cidades, dos enfeites e da imodéstia das mulheres: “Levai-os de volta às suas primeiras moradas, em que a simplicidade do campo deixa as paixões de sua idade desenvolverem-se menos rapidamente”; ao jovem de bem devem ser mostrados apenas “quadros tocantes, mas modestos, que os comovam sem os seduzir e alimentem sua sensibilidade sem lhes perturbar os sentidos” (ROUSSEAU, 2004, p. 317).

Como homem da sociedade, Seixas conhecia a natureza apenas pela tradição literária ou de vista, mas na primeira manhã de sua vida de casado, ao assistir o nascer do dia no meio do rico jardim da casa de Aurélia, o jovem consegue sentir “a alma da criação que o envolvia, e comungava sua alma a inefável serenidade da límpida e fresca manhã” (ALENCAR, 2009, p. 129). A natureza, assim, contribui para fortalecer a resolução tomada pouco antes: “Encheu-se dessa fria resignação, que imprime à alma uma têmpera inflexível” (ALENCAR, 2009, p. 129).

Segundo Rousseau (2004), a natureza do homem é essencialmente boa, porém, se cedo é apresentado aos vícios da cidade, aos seus preconceitos estúpidos e prazeres fugazes, logo seu coração contamina-se pela torpeza ao seu redor. Todavia, se a cidade é corruptora, a natureza é redentora. Desse modo, a natureza está representada em *Senhora* com um objetivo burguês. Sendo o contraponto da cidade corruptora, ela é palco de renascimento, despertando o “bem latente” dos homens e mulheres da sociedade.

A partir da cena que se passa no jardim, Fernando passará a vestir-se com modéstia, porém sempre atento ao asseio de seu traje. Outra importante mudança opera-se em Seixas em relação ao seu comportamento profissional:

Grande foi pois a surpresa que produziu a assiduidade de Seixas na repartição. Entrava pontualmente às 9 horas da manhã e saía às 3 da tarde; todo esse tempo dedicava-o ao trabalho; apesar das contínuas tentações dos

companheiros, não consumia como costumava outrora a maior parte dele na palestra e no fumatório.

– Olha, Seixas, que isto é meio de vida e não de morte! Dizia-lhe um camarada repetindo pela vigésima vez esta banalidade.

– Vivi muitos anos à custa do Estado, meu amigo; é justo que também ele viva um tanto à minha custa.

Outra mudança notava-se em Seixas. Era a gravidade que sem desvanecer a afabilidade de suas maneiras sempre distintas, imprimia-lhe mais nobreza e elevação. Ainda seus lábios se ornavam de um sorriso frequente; mas esse trazia o reflexo da meditação e não era como dantes um sestro de galanteria. (ALENCAR, 2009, p. 145).

Os colegas de trabalho muito estranharam essa súbita diferença no comportamento de Seixas. A razão óbvia para essa transformação seria o casamento, o qual é considerado a iniciação do jovem na realidade da vida: “Ele prepara a família, a maior e mais séria de todas as responsabilidades” (ALENCAR, 2009, p. 45). No entanto, uma vez que esse “ato solene tem perdido muito de sua importância” (ALENCAR, 2009, p. 45), seus companheiros preferem atribuir esse novo comportamento do companheiro à riqueza recém-adquirida.

Todavia, o casamento é uma explicação plausível de mudança de comportamento segundo os ideais burgueses. Jurandir Freire Costa (1999) postula que, para a higiene oitocentista, a natureza física e emocional do homem impele-o a ser pai. O homem é destinado ao trabalho, ao desempenho das forças físicas, ao uso do pensamento, a se servir da razão e do gênio para sustentar sua família, e, na execução dessa função, encontra sua mais alta expressão humana. De acordo com tese da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de 1842:

Esposo e Pai é quando o homem julga-se feliz; é quando a razão se esclarece mais e robustece as doutrinas moralizadoras do dever. É quando o homem deixa de ser uma simples alegria para os que os amparam e votaram-lhe carinho e amizade, e torna-se o chefe da família, símbolo da virtude e do respeito (VIANA *apud* COSTA, 1999, p. 238-239).

O casamento com Aurélia provoca em Seixas uma transformação profunda em sua constituição moral. Após ter sido vilipendiado, renovam-se sua honra e moral, que estavam embotadas devido aos costumes de uma sociedade de aparências e prazeres. Seixas é resgatado da sociedade corrompida. A força de sua moral revitalizada reflete-se em seus hábitos, dando-lhe novo prestígio. Tudo isso ocorre graças à instituição burguesa da união conjugal, a qual “levanta o homem do meio da humanidade onde se perdia confundido na

multidão, dá-lhe foros de uma entidade cheia de prestígio e poder, concedendo-lhe as garantias mais seguras da vida física e moral” (VIANA *apud* COSTA, 1999, p. 239).

Por meio do matrimônio, Seixas passa por um processo de aburguesamento. Sua vida torna-se mais comedida, veste-se com elegância, mas simplicidade, conforme o ideal burguês da *juste milieu*, dedica-se ao trabalho honesto e à poupança. Não possui mais o sorriso galante dos jovens, pois esse agora é fruto de meditação. Essas mudanças não passam despercebidas por Aurélia, que nota a falta da faceirice de outrora nas maneiras do marido.

A jovem esposa não entende, entretanto, a súbita mudança do marido. Aurélia, então, inquire o marido sobre sua falta na execução do contrato matrimonial, devido à estranha assiduidade do marido no trabalho, ao fato de ele dispensar os carros e não utilizar os pertences comprados por ela. Todavia, Seixas argumenta não haver falta alguma, pois continua sendo o homem distinto e elegante que Aurélia comprou, salve algumas ligeiras modificações que atribui à idade.

Ademais, o esposo alega: “Vendi-lhe um marido; tem-no à sua disposição, como dona e senhora que é. O que porém não lhe vendi foi minha alma, meu caráter, a minha individualidade; porque essa não é dado ao homem alheá-la de si” (ALENCAR, 2009, p. 153). Desse modo, Seixas está em seu direito de fingir-se “sóbrio, econômico, trabalhador” (ALENCAR, 2009, p. 153), se lhe aprouver. Observe-se que as três qualidades citadas por Fernando são três pilares fundamentais do ideal burguês de homem de bem: a moderação, a poupança e o trabalho sério. De acordo com Costa:

O homem citadino, mesmo quando era grande proprietário, incorporou a seu universo sócio-mentais valores urbano-burgueses como o apreço pelo trabalho; a admiração pela competência profissional; o estímulo ao espírito de competição; o cultivo da aparência física; a busca do equilíbrio e da contenção moral, etc. (COSTA, 1999, p. 249).

Contudo, ainda que Fernando esteja passando por um processo de incorporação dos ideais burgueses, Aurélia, inicialmente, acredita que isso não passa de um capricho do marido: “Há neste mundo certos pecadores que depois de obtidos os meios de gozar a vida, arranjam umas duas virtudes de aparato, com que negociam a absolvição e se dispensam assim de restituir a alma a Deus” (ALENCAR, 2009, p. 154).

Indignado com as afrontas e ironias da esposa, Seixas, sarcasticamente, exclama: “A senhora tem uma sagacidade prodigiosa! Bem mostra que é sobrinha do Sr. Lemos”

(ALENCAR, 2009, p. 154). Para Aurélia, essas palavras têm o mesmo efeito que a picada de uma víbora, tão grande foi o assomo de sua dignidade ofendida. Fernando não poderia ter proferido ofensa maior do que compará-la a Lemos, o tio que abandonou a irmã ao desamparo, que tentou aliciar a sobrinha para a prostituição, que reatou relações com a menina movido exclusivamente pelo interesse em sua riqueza. A dignidade ofendida e o “império de seu olhar de rainha” (ALENCAR, 2009, p. 154), foram suficientes para fazer Seixas arrependê-la de suas palavras.

A brandura com que Seixas se desculpa com a esposa, apesar das injúrias que essa lançara contra ele momentos antes, evidencia a boa natureza de seu coração burguês. O homem burguês é racional e sensato, além disso, vale-se “cada vez mais da diplomacia dos hábitos, estratégia mais adequada aos padrões da nova cidade” (COSTA, 1999, p. 249). Por esse motivo, a perda da razão, ainda que momentaneamente, causada por excesso de fúria é motivo de vergonha e arrependimento imediato. Rousseau (2004, p. 300) assinala que se o homem de bem é tomado pela cólera, agindo de modo a ferir o responsável por sua irritação, logo se arrepende do lapso da razão, movido pelo sentimento de culpa. “Quando ele próprio é ofendido, no auge do furor, uma desculpa, uma palavra o desarma, e perdoa os erros do outro com o mesmo bom coração com que conserta os seus”.

Apesar da resistência inicial em acreditar na transformação de Fernando, Aurélia percebe, após algum tempo, a mudança que se opera no caráter do marido, “outrora frágil, mundano e volúbil”, mas que, pouco a pouco, vai recuperando sua “natureza generosa” (ALENCAR, 2009, p. 212). Seixas vive uma vida completamente doméstica, à exceção do tempo em que está trabalhando, o resto do dia passa em companhia da esposa, ou nas visitas e reuniões. Além disso, se a convivência entre eles era um pesaroso exercício de aparências a princípio, lentamente ela se transforma em costume, em algo natural e agradável.

Finalmente, afigura-se a Aurélia ter encontrado a “estátua de seu ideal, a encarnação de seu amor” (ALENCAR, 2009, p. 214). Ela acredita confiantemente não apenas na transformação do caráter de Fernando, mas também em seu amor. Todavia, apesar do júbilo com que a jovem esposa recebe essas novidades, ainda há um obstáculo a ser superado para que o casal obtenha a felicidade. Fernando Seixas pode ter se transformado no homem burguês ideal, porém isso não é suficiente para garantir-lhe uma posição digna nesse matrimônio, em que entrou como mercadoria. Afinal, no casamento ideal, como assinala Rousseau (2004), quando os parceiros pertencem a classes sociais diferentes, é importante que

o homem seja de uma classe superior a da mulher: “Como a família só se liga com a sociedade através de seu chefe, é a condição do chefe que determinará a de toda a família” (ROUSSEAU, 2004, p. 598).

Rousseau (2004, p. 598) alega que se o homem casa-se com uma mulher pertencente a uma classe inferior a sua, ele eleva-a, sem se rebaixar. No entanto, casando-se com uma mulher de classe superior, rebaixa-a, sem se elevar. Ademais, “é da ordem da natureza que a mulher obedeça ao homem”, então, quando ela advém de uma classe mais baixa, a ordem natural está de acordo com a ordem civil. Entretanto, casando-se com uma mulher de classe superior a sua, o homem vê-se diante da alternativa de “ferir seu direito ou seu reconhecimento, ser ingrato ou desprezado”. Nesse caso, a esposa ganha uma autoridade que não lhe pertence, “torna-se tirana de seu chefe, e o senhor, transformado em escravo, vê-se reduzido a mais ridícula e a mais miserável das criaturas”. Neste último caso, percebe-se bem a semelhança à situação de Aurélia, senhora, e Fernando, vendido/comprado. É necessário, então, um último acerto de contas entre o casal, de modo que a riqueza de Aurélia não seja mais um empecilho para a união conjugal ideal.

Conclusão

A riqueza de Aurélia parece ser um obstáculo intransponível para a união dos enamorados segundo um ideal burguês de matrimônio, tendo em vista que no casamento ideal o homem deve estar em uma posição social, moral e economicamente superior à da mulher. Entretanto, esse problema já havia sido solucionado por Aurélia no dia em que se celebrou seu casamento. Neste dia, Aurélia escrevera um testamento instituindo Fernando como seu herdeiro universal. Portanto, toda sua riqueza já pertence a Seixas, e o meio de o jovem marido manter sua honra e dignidade é permitindo que a esposa viva a seu lado. Sendo assim, se Aurélia desfruta do dinheiro, é com a permissão de Fernando, que lhe concede a vida, amando-a. E, assim, encerra-se o romance: “As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam ohino misterioso do santo amor conjugal” (ALENCAR, 2009, p. 231).

Luis Filipe Ribeiro (1996, p. 397) assinala que em “José de Alencar, o conflito passa sempre pelo casamento. Essa é a área da realidade sobre que ele se debruça com especial carinho, constituindo-a como centro motor da vida social”. Em *Lucíola*, Paulo e Lúcia não

podem se unir pelo matrimônio, apesar de levarem um estilo de vida compatível com essa situação, devido ao interdito moral da ausência de virgindade de Lúcia. Em *Senhora*, ainda que Fernando e Aurélia casem-se, a união só pode ser consumada quando Fernando tornar-se digno da relação, e o casamento por interesse puder se transformar em uma união por amor. Como Ribeiro (1996, p. 398) alega, em ambos os romances, Alencar “está atento e vigilante para que a instituição do casamento não se deixe corromper, pondo em risco toda uma forma de vida e de sociedade”. A preocupação de Alencar com as representações de gênero e com a instituição matrimonial evidencia-se a partir da figura de Fernando Seixas, o qual só encontrará a felicidade ao lado da esposa após passar por um processo de aburguesamento.

Senhora: the bourgeois discourse and the ideal man

Abstract: *This work aims to highlight the bourgeois discourse in Senhora, through the representations of men shown in the novel. The 19th century medicine, philosophy and literature intend to spread the bourgeois way of life in Rio de Janeiro. The bourgeois ideals are shown in Senhora through the representations of gender. A good man is hardworking, honest and thrifty, however, Fernando Seixas, at the beginning of the novel does not fit this profile of the ideal man. Therefore, he will be able to become an ideal bourgeois man through his marriage to Aurélia Camargo.*

Keywords: *Senhora. José de Alencar. Bourgeoisie. Representations of Gender.*

Referências

ALENCAR, José de. *Senhora*. 35. ed. São Paulo: Ática, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

HOBBSBAWN, Eric J. *A era do capital*. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Tradução de Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LAURETIS, Teresa. Tecnologia do gênero. In: H. B. (Org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-204.

MAIA, Cláudia de Jesus. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais 1890-1948*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2011.

NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PERNOUD, Régine. *As origens da burguesia*. 2. ed.S.l.: Publicações Europa-América, 1973.

RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: EDUFF, 1996.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio, ou, Da educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. 5. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. PRIORE, Mary Del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 401-442.